



PASSARINHOS E GAVIÕES

Uma fábula da democracia

Chico Alencar

SUGESTÕES DE ATIVIDADES ELABORADAS POR:

Rosane Pamplona – Professora formada em Letras pela Universidade de São Paulo, colaboradora em diversas obras didáticas para o ensino do Português, autora de livros infantojuvenis.

O AUTOR

Chico Alencar é professor de História, mestre em Educação, parlamentar pelo PT e PSOL do Rio de Janeiro por vários mandatos e autor de 26 livros. Pela Editora Moderna publicou algumas obras para o público infantil.

A OBRA

Caturama, a terra boa, o bom país, tinha de tudo: flores, belas árvores, frutinhas no alto, bichinhos no chão, tudo o que seus habitantes, os passarinhos, precisavam para viver bem. E se a mata de lá era grande, maior ainda era a amizade entre as aves, “todos iguais, mas todos diferentes”, como cantava o periquito, celebrando aquela bem-aventurança. Certo é que de vez em quando passava por ali algum gavião, com cara de poucos amigos. “Rapinas, longe daqui!” – enxotava o pardal, tão inteligente, o líder da passarinhada. Mas, de tanto ser elogiado, esse mesmo pardal deixou que a glória lhe subisse à cabeça: achou que merecia ser o rei da mata. E, encontrando por acaso um ninho com três ovos, devorou-os. Não tardou que fosse se transformando e virasse um gavião, de bico torto e garras afiadas. Juntou-se a alguns amigos que também queriam se transformar e assim foram à cata de ovinhos. Adeus, bem-aventurança! O bando de pardais-gaviões passou a controlar tudo, baixando decretos e impondo o medo para garantir seus privilégios.

Anos são transcorridos naquela tristeza, até que os passarinhos começam a entender de onde provém a força dos mandões. Focos de rebeldia vão surgindo e, como providência essencial, as oprimidas aves passam a esconder e proteger seus ovos. Privados de sua principal fonte de força, os gaviões vão enfraquecendo e os passarinhos decidem reorganizar sua sociedade. Formam uma assembleia constituinte e estabelecem, com a participação de todos, até dos filhotinhos,

uma bela, sonora e justa constituição para todos voltarem a ser felizes.

TEMAS ABORDADOS

- Direitos humanos
- Organização das sociedades, lutas sociais
- Leis, deveres, privilégios, desigualdades sociais
- Formas de governo: democracia, tirania
- Sociologia e Filosofia
- Proteção à Natureza
- Vida dos pássaros

Por que trabalhar com o livro *Passarinhos e gaviões – Uma fábula da democracia?*

Sem perder a atualidade, muito ao contrário, ainda atualíssimo, o livro *Passarinhos e gaviões – Uma fábula da democracia*, publicado pela primeira vez em 1986, ganha nova edição, revista pelo autor. Já na introdução, a obra diz a que veio: defender a democracia, diga-se de passagem, o sistema como a própria obra veio ao mundo, com ideias, palpites e opiniões de muitos colaboradores. Alegoria de um país generoso e fértil, onde nada falta e todos podem ser iguais sendo diferentes, Caturama, a terra dos passarinhos, é, como outros países que conhecemos, ameaçada por aqueles que se consideram superiores aos outros e que, com sua força e astúcia, dominam a maioria, usufruem de privilégios, ditam leis para todos menos para si próprios, outorgam-se o direito de censurar e penalizar, convencem os mais fracos de sua boa intenção ou os corrompem, impõem medo aos opositores e aliam-se a grupos sob a égide do mau-caratismo. Um sistema que impera até o momento em que se percebe que a única solução é a união e a participação de todos na reorganização da sociedade. É essa alegoria que permite sensibilizar crianças e jovens, voltando seu olhar para as injustiças

sociais e fazendo-os perceber os jogos de poder, as manipulações dos privilegiados, a origem das desigualdades e a necessidade da união e da colaboração de todos para as verdadeiras reformas sociais. A leitura deste livro também pode estimular atividades *micro*, como a elaboração coletiva de regras para o próprio convívio na sala de aula e na escola, antes mesmo de se pensar no *macro*, na sociedade. Divertindo-se com uma história bem-humorada, os leitores podem iniciar seu caminho em direção à consciência da necessidade e da possibilidade de uma organização social justa e harmônica.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

ATIVIDADES PARA ANTES DA LEITURA

1. Ao apresentar o livro à classe, explique-lhes que o autor, além de professor de História e mestre em Educação, é deputado federal pelo Rio de Janeiro, ou seja, participa ativamente de nosso governo, da organização de nossa sociedade. Depois, leia com os alunos a introdução “Sobre o que é este livro”, que conta como a história que vão ler tomou forma. Verifique se já ouviram falar das Pastorais de Juventude, que desenvolvem um trabalho social e de evangelização dos jovens. Também convém saber se têm ideia do que é um Comitê Constituinte, ou seja, um grupo de pessoas que se unem para estabelecer ou modificar uma constituição. Antecipe que essa ideia ficará mais clara no decorrer da leitura.

2. Leiam juntos, atentamente, o terceiro parágrafo da introdução, que traz a ideia mestra desenvolvida na obra, ou seja, a defesa da democracia e da elaboração coletiva de regras que a garantam. Verifique se entenderam que o autor aplicou, na prática, ao escrever o livro, o ideal da democracia participativa.

3. Leve em consideração que a história que os alunos vão ler, embora não sendo ex-

tensa, é carregada de significados sobre os quais convém refletir e debater em grupo. Sendo uma alegoria, uma representação de pensamentos sob forma figurada, deve ser interpretada, compreendida na sua dimensão figurativa, para que as concepções ali embutidas façam sentido na vida real. Como a obra não é dividida em capítulos, sugerimos que, após uma leitura feita em casa, retome-se a leitura passo a passo, ou que o professor delimite pequenas frações de textos para serem lidos e discutidos a cada dia.

4. Em Caturama, o país dos passarinhos em que se passa a história, o pica-pau fala em *troncos para bicar*; o martim-pescador, em *rios para pescar*. Antecipe que o autor, ao apresentar os “caturamenses”, atribui a cada um deles uma fala que faz referência a seus nomes ou hábitos, ou mesmo a textos conhecidos, como o tico-tico, que diz “*O fubá que eu pego cá ou lá, numa fazenda, dá pra todo mundo!*”, numa clara referência à famosa canção de Zequinha de Abreu, “Tico-tico no fubá”. Já a fala da andorinha, “*Eu, sozinha, não faço verão...*”, faz menção ao provérbio popular “Uma andorinha só não faz verão”. Peça que anotem, num caderninho à parte, as referências que observarem na fala dos pássaros. Outras particularidades da linguagem do autor que merecem ser observadas e anotadas são os momentos em que ele brinca, fazendo rimas e entremeando provérbios com o texto.

5. Aproveite a sugestão do caderninho de anotações e peça também que façam uma lista de todos os nomes de passarinhos que forem aparecendo na história.

ATIVIDADES PARA DURANTE A LEITURA

1. Retome as anotações feitas durante a leitura e veja se perceberam outras conexões entre os passarinhos e o que eles falam. Proponha que imaginem frases para outros passarinhos citados no texto (como o corrupião, o pintassilgo e o azulão), usando o mesmo recurso literário do autor. Por

exemplo, o azulão poderia dizer algo como “Comigo está tudo azul, e com vocês?”. Veja também se perceberam as rimas e os provérbios.

2. Verifique se todos entenderam como se deu o processo de transformação dos pardais. Retome o processo desde o início, ou seja, desde o momento em que o pardal deixou que os elogios lhe subissem à cabeça. Abra espaço para comentários, orientando os alunos para que consigam enxergar, nas várias situações vividas pelos passarinhos e gaviões, situações da vida real vividas por nós, por nossa comunidade, por nosso país. Discutam as diferenças entre ser um líder e ser um tirano, por exemplo. Reflitam sobre a origem da força dos gaviões e sobre por que essa força crescia com o medo dos passarinhos. Peça que observem os decretos, um a um, discriminando-os entre proibições, obrigações e privilégios. Que vantagens os gaviões tiravam de cada um desses decretos? Reflitam sobre o comportamento dos periquitos, que, apesar de pertencerem ao grupo dos passarinhos, isto é, à classe dos oprimidos, defendiam os tiranos, os gaviões. Pergunte: por que isso acontecia? Só acontece nas histórias fictícias? Reflitam também sobre a posição de alguns, como o canarinho-de-terra, que se resignava com a situação, justificando-se com a opinião de que os passarinhos não seriam capazes de tomar conta de si mesmos. Polemize: ao menosprezar nossas qualidades não estaremos dando uma brecha para sermos usurpados em nossos direitos? E os dedos-duros? Por que será que eles se sujeitam a tão infame papel? Conte a eles que os chupins são pássaros que põem seus ovos em ninhos de passarinhos menores que eles, como o tico-tico, e ali os deixam para serem chocados. Depois que nascem, os chupins, por serem maiores, expulsam e matam os filhotes dos legítimos donos do ninho, aproveitando-se de toda a comida que os pais “adotivos” lhes trazem. A gralha, por sua vez, gosta de se alimentar de ovos de outras aves. Será que esses pássaros lembram o comportamento de algum tipo de pessoa?

3. Releiam os versos de Mário Quintana. Se os alunos ainda não conhecem esse importante poeta, apresente-o, assim como outros de seus poemas. Aproveite o ensino e pergunte aos alunos sua opinião sobre o papel da arte, ou, no caso, da literatura: ela pode ser um instrumento de consciência e consequentemente de apoio e defesa dos direitos humanos? Se achar adequado para o momento, estenda a atividade, levando aos alunos outros exemplos de poemas e de poetas que se preocuparam em denunciar injustiças, desigualdades, intolerâncias, enfim, que abraçaram com sua arte as causas sociais. Muitos de nossos autores podem servir de exemplo, como Ferreira Gullar, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, entre outros. Também nossos compositores de música popular são exemplos de engajamento em lutas sociais, como Chico Buarque, Gilberto Gil, Geraldo Vandré e muitos outros, entre eles vários grupos, como “O Rappa”. Proponha que cada aluno traga para a classe um exemplo desses textos e que o leia, declame ou cante para os colegas.

4. Aproveite que se falou em Chico Buarque e leve para os alunos a letra da canção “Passaredo”, que ele compôs com Francis Hime (*Ei, pintassilgol oi, pintarroxol melro, uirapuru...*). Nela há dezenas de nomes de passarinhos. Peça que os confrontem com os nomes da lista que fizeram no decorrer da leitura. Desafie-os a complementar a lista, perfazendo o total de uma centena. Não é difícil, pois, só no Brasil, são conhecidas mais de 1.800 espécies de aves!

5. O tiziu treme ao lembrar o ciúme do João-de-barro. Pergunte se todos já viram uma casinha desse pássaro, uma verdadeira obra de olaria. Conte a eles que existe uma lenda segundo a qual o João-de-barro macho, quando desconfia de que sua fêmea está “de namorico” com outro, para castigá-la, empareda-a na sua própria casa, deixando-a morrer ali mesmo. Essa ideia faz parte do folclore e pode ter surgido pelo fato de que algumas abelhas aproveitam os ninhos abandonados e ali fazem sua colmeia, fe-

chando sua entrada com cera. Há canções que contam essa lenda; seria interessante ouvi-las (ver na discografia de Sérgio Reis e Maria Gadu, por exemplo).

6. Veja se descobriram os provérbios que aparecem no texto e proponha uma atividade de pesquisa de outros. Desafie-os a lembrar de algum que fale em aves. Exemplos: *Mais vale um pássaro na mão que dois voando; Passarinho que debruça, o voo já está pronto; Papagaio come milho, periquito leva a fama; De grão em grão, a galinha enche o papo; Praga de urubu magro não mata cavalo gordo.*

ATIVIDADES PARA DEPOIS DA LEITURA

1. Se queremos aprender um pouco sobre as organizações sociais, será muito proveitoso saber como funciona nosso sistema de governo. Lembrando que o autor é deputado federal, verifique se os alunos sabem a diferença entre um deputado estadual e um federal, ou entre um deputado, um senador e um vereador, no nosso país. O professor de História ou Geografia pode ajudar, esclarecendo o que são os três poderes (Legislativo, Judiciário e Executivo), assim como quais as funções de cada tipo de parlamentar.

2. Caturama era a terra ideal para os passarinhos. Organize um debate em que os alunos possam expressar suas opiniões, dizendo como seria a sua terra ideal. Também devem fazer propostas para que esse ideal possa ser alcançado. Outra sugestão é montar uma *constituente* e criar os estatutos da classe, objetivando o bem-estar de todos. Os itens do estatuto podem vir assinalados não com números, mas de uma forma bem criativa, como os pássaros fizeram, talvez com letras ou desenhos, ou mesmo palavras-chave, como *liberdade, afeto, tolerância, respeito*, que já indiquem o que reza cada item.

3. Já que aprendemos a lenda do João-de-Barro, uma sugestão é pesquisar outras

lendas de pássaros. No nosso folclore e nas tradições indígenas há muitas (a lenda do uirapuru, a da dança dos tangarás etc.). Também nas antigas fábulas, como nas de Esopo, as aves figuram com frequência, por exemplo, em *O corvo* e *a raposa*; *As aves e o morcego*; *A gralha vestida de pavão*, entre outras. Proponha uma sessão de histórias, que pode durar algumas semanas e se estender para outras classes da escola.

4. Além dos provérbios e das lendas e fábulas, passarinhos e aves, em geral, aparecem em diversas manifestações literárias da tradição oral, como trovinhas, cantigas infantis e trava-línguas. Exemplos:

*Andorinha do coqueiro,
Dá-me novas do meu bem;
Se eu fosse um passarinho
Que soubesse avoar*

*Se está vivo, se está morto,
Se anda nos braços de alguém.
Voaria lá nas alturas
Só pra poder te encontrar!*

Como trava-línguas, lembramos o famoso “Num ninho de mafagafos, com sete mafagafinhos...” e, como cantiga infantil, as diversas que falam de sabiá (como canção popular, nada mais famoso do que “Asa branca”, de Luís Gonzaga). Uma sugestão seria recolher esses textos da “boca do povo”, isto é, consultando amigos e familiares ou mesmo pesquisando na internet e com eles montar uma pequena coletânea ilustrada. O professor de Artes pode ajudar nos desenhos.

5. O autor diz, na sua introdução, que escreveu a história assim porque era fascinado por pássaros. Proponha que os alunos imaginem e escrevam como seria a história se seu autor fosse fascinado por outro tipo de animais, como peixes, por exemplo. Nesse caso, quem estaria na pele dos gaviões? Os tubarões, talvez...? Outra sugestão é tentar imaginar e escrever como seria a história original, aquela que o autor ouviu muito tempo antes, sobre onças e gatos.

6. Ao lermos a história de Caturama, fica impossível não lembrar uma outra fábula famosa, escrita há mais de meio século, *A revolução dos bichos (Animal farm)*, de George Orwell, escritor inglês, que criou, em plena Segunda Guerra, uma alegoria para falar sobre o poder. Nessa obra, também as personagens são animais, e os mais inteligentes, tornando-se líderes, convertem-se (como os pardais-gaviões) em tiranos. Os alunos mais velhos e leitores bem desembaraçados podem lê-la; para os mais novos, sugerimos que se conte um resumo da história ou que pelo menos a ela façam referência para despertar o interesse pela sua leitura, oportunamente.

Professor: George Orwell é um autor que merece ser levado ao conhecimento dos alunos. Ele escreveu a obra 1984, reconhecida mundialmente como manifesto contra o poder e a opressão, do qual faz parte a personagem Big Brother, que deu origem ao programa de televisão apresentado hoje em dia.

7. Uma atividade descontraída é, depois da leitura, observar os pássaros que existem nas redondezas da escola. Ver como se comportam, como fazem seus ninhos, aprender um pouco de seus costumes; um pai ou professor que entenda de passarinhos pode orientar os alunos. Se não for possível, uma opção é assistir a um documentário sobre aves. Existem muitos disponíveis nas video-locadoras. Vale a pena também falar do trabalho do ornitólogo Augusto Ruschi, um dos maiores especialistas do mundo em beija-flores, reconhecido internacionalmente, homenageado na reserva Biológica de Nova Lombardia (ES), que hoje lhe

empresta o nome, e até em selos postais. Seria muito interessante mostrar seus belíssimos livros, como o *Jardim dos beija-flores* (São Paulo: Dalgas-Ecoltec, 1996), ou conhecer seu trabalho em sites como: <<http://www.ruschicolibri.com.br>>.

8. Depois de um trabalho tão rico, agora é hora de pensar em uma finalização ou comemoração. Como ela poderia ser? Já que queremos exercer os princípios da democracia, que tal abrir espaço para que os alunos sugiram propostas e defendam suas opiniões, organizando eles mesmos esse encerramento? Para começar, algumas sugestões, que podem – e devem – ser discutidas e aprimoradas: um teatro (pode ser de sombras, com bonecos, com máscaras) em que se dramatize a história lida; um sarau, em que cada um apresente algo relacionado ao livro (pode ser declamando uma poesia, cantando, contando uma lenda), ou mesmo um lanche comunitário, em que as tarefas sejam democraticamente divididas. Nada de chupins! A experiência de criar uma “Constituição” (regimento, estatuto ou o que os valha), válida para discentes e docentes, em cada classe e em cada colégio, poderá contribuir muito na formação democrática e cidadã de crianças e jovens, significando um rico trabalho de finalização.

Leituras sugeridas

Do mesmo autor:

- *A semente do Nicolau*. São Paulo: Moderna, 2012.
- *Miltopeia, a centopeia solidária*. São Paulo: Salamandra, 1998.

